

REMEMORANDO O CURSO DE APICULTURA RACIONAL NO PARQUE DO XINGU.

Histórico sobre a Apicultura Racional no Parque Indígena do Xingu estado de Mato Grosso

Mário Isao Otsuka

1 – O Parque Indígena do Xingu (PIX) foi criado pelo Governo Federal em 1961 com área total de 2.642.003 ha. Nos últimos tempos 2 novas áreas foram incorporadas (Suiyá e Batovi), ampliando a área para cerca de 2,8 milhões de hectares. Habitam no Parque atualmente 15 etnias, falando 15 diferentes línguas, com uma população aproximada de 4.000 índios. A língua oficial para a união dos povos xinguanos é o português.

2 – O Instituto Socioambiental (ISA), uma Organização Não Governamental (ONG) mantém no PIX um projeto denominado Apoio à alternativas Econômicas para Etnias Xinguanas, que visa oferecer aos irmãos indígenas a obtenção de recursos para subsistência, respeitando o meio ambiente. Esse Projeto engloba várias atividades, entre as quais a apicultura racional.

3 – A atividade apícola, como coleta de mel baseada no extrativismo já existia no Parque (PIX) e parte da produção já era comercializada fora dele. Já no passado bastante distante a FUNAI havia tentado a apicultura racional, com entrega de roupas e materiais, mas não obteve sucesso por falta de uma adequada instrução e acompanhamento. Nenhum dos índios que hoje são apicultores estiveram presentes na fase da FUNAI.

4 – O ISA vislumbrando na apicultura uma atividade com um bom potencial, preocupou-se em oferecer aos índios um novo modelo de produção de mel, baseado no manejo racional dos enxames e não mais no

extrativismo, e oferecer o conhecimento sobre o ciclo das floradas, condições higiênicas na extração e envasamento do mel.

5 – Dentro desse contexto, em 1996 fomos indicados pela APACAME pelo seu Presidente Executivo Dr. Constantino Zara filho e convidados por Sr. André Villas-Boas, Coordenador do Programa Xingu do ISA, para ministrarmos um curso eminentemente prático de Apicultura Racional aos índios (11 alunos) e assim estivemos pela primeira vez no PIX. Matéria sobre o assunto se encontra nas páginas 9 a 11 do periódico Mensagem Doce nº 38.

6 – Estivemos no PIX para novos cursos e verificações dos apiários implantados em 1998, 1999 e em 2000. Em todas essas visitas novos alunos índios nos cursos, incluindo alguns representantes da tribo Panará, os denominados gigantes pelos irmãos Villas-Bôas, cujo território situa-se no estado do Pará. Cada curso foi levado a efeito em aldeias diferentes.

7 – Em 2000 demos por encerrado o nosso trabalho no PIX para que o ISA



Mário Isao Otsuka e Waldemar Ribas Monteiro e os alunos no Parque nacional do Xingu em 1999

e a ATIX (Associação Terras Indígenas do Xingu) dirigida e administrada somente por índios daquele Parque, pudessem levar avante o projeto com suas próprias pernas, embora nós quiséssemos esta lá por muitas outras vezes.

8 – Hoje, setembro de 2003, a apicultura racional no Parque, tanto na parte técnica de criação quanto na parte comercial são atividades dirigidas pela ATIX, com a supervisão do ISA. Os apiários têm o acompanhamento dos monitores indígenas, e o responsável pela parte comercial que consiste na aquisição de materiais apícolas e na comercialização do mel é de competência de Ianukulá Kaiabi que tem o curso de segundo grau completo.

9 – Atualmente a apicultura racional no PIX é praticada em 23 aldeias, com quase 50 apicultores com cerca de 170 colméias. A produção anual de mel está em torno de 2.000/2.500 kg. Por ser mel com SIF (Serviço de Inspeção Federal) e com certificado de orgânico pelo Instituto Bio-Dinâmico de Botucatu-SP, alcança um bom preço e segundo a mídia está

sendo comercializado pelo Grupo Pão de Açúcar através do Projeto Caras do Brasil (Mel dos Índios do Xingu).

10 – Com 170 colméias atuais poder-se-ia produzir cerca de 4 a 5 mil kg de mel, em virtude do potencial de floradas da região. Entretanto, devemos saber respeitar a cultura dos índios, que ainda não estão afeitos ao trabalho nos moldes dos chamados civilizados bem como da relativa importância que dão ao dinheiro.

11 – Em 25/08/2003 estivemos reunidos com o professor Ricardo Bresler da Fundação Getúlio Vargas, Coordenador do Programa Gestão Pública e Cidadania, em trabalho conjunto com a Fundação Ford, que esteve no PIX para verificação “in loco” do trabalho de Apicultura Racional levado a efeito pela ATIX.

12 – Este é em síntese o trabalho que implantamos e desenvolvemos no PIX, e que graças ao ISA está mostrando bons resultados. Agradecemos a minha APACAME na pessoa do Dr. Constantino Zara Filho que nos deu sempre um grande apoio para o bom andamento do Projeto.

ASSOCIAÇÃO TERRA INDÍGENA DO XINGU GANHA PRÊMIO DA ONU POR PRODUÇÃO DE MEL CERTIFICADO

Texto: Mônica Nunes - Fotos: Marcelo Martins (destaque) e Fabrício Amaral, do Instituto Sociambiental
Fonte: ISA - Instituto Socioambiental

O PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento acaba de premiar o trabalho realizado por 100 apicultores de 39 aldeias dos povos Kawaiwete, Kisêdjê, Ikpeng e Yydja que participam da produção de mel certificado e integram a Associação Terra Indígena do Xingu (Atix). E a concorrência foi grande!

Cerca de 800 organizações de 120 países inscreveram projetos no Prêmio Equatorial 2017, que destaca iniciativas de desenvolvimento sustentável, que apresentem soluções inovadoras para as cadeias produtivas no mundo, com foco no combate à pobreza e às mudanças climáticas. Este ano, foram reconhecidas 15 iniciativas de comunidades indígenas e de povos tradicionais da África, América e Ásia.

De acordo com o ISA (Instituto Socioambiental) – que apoia este projeto há duas décadas, que ainda conta com a parceria do Imaflo (Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola) -, o mel produzido pelos índios do Xingu é uma das “maiores referências em alternativa de geração de renda compatível com os povos da floresta”. E o projeto vai além: garante segurança alimentar para os povos locais, além de direcionar o excedente para comercialização em mercados que

respeitam critérios sociais e ambientais.

Com o selo Origens Brasil – que valoriza os produtos florestais por meio de mecanismo de rastreabilidade -, a cada ano são comercializadas aproximadamente duas toneladas de mel. Paralelamente, outros produtos produzidos no Xingu têm conquistado espaço: a pimenta, o óleo de pequi e a meliponicultura (abelhas sem ferrão).

Certificação, como foi a implantação

Eis aqui um grande desafio para os povos do Xingu já que necessitavam da certificação de seus produtos para “conquistar o mundo”, mas não tinham condições de contratar empresas especializadas e seus sistemas auditados. Além de muito caros, falta adequação às particularidades dos povos indígenas, o que dificulta o processo todo.

Foi assim que, em 2015, a Associação se tor-



Apicultores indígenas manejando os enxames na aldeia Ngowere, dos Kisêdjê | Marcelo Martins-ISA.

nou a primeira associação indígena certificadora de produção orgânica. Credenciada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) – responsável pela normatização e fiscalização da produção orgânica no Brasil -, inaugurou o primeiro Sistema Participativo de Garantia (SPG) exclusivamente indígena... do mundo! Muito legal! Com ele, as normas garantem que a própria comunidade organize a estrutura de avaliação e verificação dos produtos e os certifiquem conforme as regras da produção orgânica, o que fortalece o controle social e a transparência.

Com um detalhe: mais do que a certificação do mel do Xingu, esse sistema é uma importante política pública que facilita o acesso de pequenos produtores à certificação orgânica. Ou seja, uma enorme conquista que possibilita que estes produtores se organizem em grupos e se autocertifiquem, sem intermediações. ●

Este relatório foi elaborado em 23 de setembro de 2003.

Nos Cadernos de Gestão Pública e Cidadania, nº 44, volume 9, de novembro de 2004, da Fundação Getúlio Vargas, o professor Bressler que historia a apicultura no PIX, relata num trecho: “Com a formação da parceria ATIX/ISA, em 1996, e apesar das reticências, a idéia foi florescendo novamente. Uma coisa era certa: sem comprometimento e acompanhamento técnico contínuo, nos apiários não valia a pena voltar ao assunto. Nem a ATIX e nem o ISA possuíam pessoal qualificado para isso. Coube ao ISA procurar um parceiro que pudesse capacitar tecnicamente os apicultores. Encontraram na APACAME o parceiro ideal que se comprometeu com o projeto. De 1996 a 2000, foram realizados 5 cursos no Parque, coordenados por Mario Isao Otsuka (Diretor da APACAME). Em 2001 foi realizado um curso em São Paulo. Destaca-se o trabalho de Mario, que soube adaptar o conteúdo dos cursos às necessidades dos apicultores, capacitando-os efetivamente para a prática da apicultura racional”.

Dois técnicos do ISA foram capacitados pela APACAME: os engenheiros agrônomos Henrique e Wemerson Ballester. ●



Abelhas a serviço da agricultura

LOJA VIRTUAL DA APACAME
MAIS UM SERVIÇO PARA VOCÊ!
COM A QUALIDADE INDISCUTÍVEL
APACAME

www.apacameloja.com.br